

EXTENDED SELF 2.5

Gabriel Henrique Pimenta Isboli¹

Resumo: Este artigo busca apresentar uma comparação entre o *extended self* real e virtual para as mesmas pessoas. O conceito do *extended self* refere-se a um termo apresentado, originalmente, por Russell Belk, em 1988, e diz respeito às posses vistas por seus consumidores como representando, em algum nível, a identidade de seu proprietário, dada tamanha identificação com as mesmas. Um mesmo consumidor pode ter diferentes posses lhe representando, mas e quanto a algo intangível? Isso é o que acontece no meio virtual, onde pode não haver a materialização daquilo consumido e, seguindo nesse pensamento, é possível questionar se existem diferenças entre o *extended self* identificado pelas pessoas nesses dois domínios: tanto no real como no virtual. Dessa forma, a discussão que se segue busca apresentar quatro entrevistas onde esses consumidores informaram “o que” e “porque” consideram tais consumos como extensões de si. Os resultados sinalizam para o entendimento que a relação construída se refere a uma trajetória, e todos os relatos apontam que há uma história por trás das posses mencionadas. Ou seja, a relação construída vai além de aspectos financeiros, mas carregam uma alta carga de conexão emocional, seja por ser um utilitário altamente necessário para a rotina, seja por um sentimento de orgulho por uma conquista pessoal. Ao fim, se demonstra uma lacuna teórica encontrada e se expõe como futuros esforços de pesquisa poderiam explorá-la.

Palavras-chave: Identidade. Consumo. Extended self. Real. Virtual.

EXTENDED SELF 2.5

Abstract: This article seeks to present a comparison between the real and virtual extended self for the same people. The concept of the extended self refers to a term originally presented by Russell Belk in 1988 and concerns the possessions seen by its consumers as representing, at some level, the identity of their owner, given such identification with them. The same consumer may have different possessions representing him, but what about something intangible? This is what happens in the virtual environment, where there may be no materialization of what is consumed and, following this thought, it is possible to question if there are differences between the extended self identified by the people in these two domains: both real and virtual. Thus, the following discussion seeks to present four interviews where these consumers reported "what" and "why" consider such consumptions as extensions of themselves. The results signal to the understanding that the relationship built refers to a trajectory, and all the reports point out that there is a history behind the mentioned possessions. That is, the relation built goes beyond financial aspects, but carries a high emotional connection load, either because it is a highly necessary utility for the routine, or because of a sense of pride for a personal achievement. In the end, a theoretical gap is shown and one exposes how future research efforts could exploit it.

Key-words: Identity. Consumption. Extended self. Real. Virtual.

¹ Bacharel em Administração. Mestre e Doutor em Administração. Docente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Francisco Beltrão. E-mail: gabriel.isboli@gmail.com

Introdução

Somos mais do que nossos nomes, rostos e documentos. Somos seres complexos, resultado de todos esses elementos e de muitas outras coisas, inclusive daquilo que consumimos. Assim como esse é um convite para pensarmos em nós mesmos de uma maneira ampla, também pense o consumo de uma maneira ampla, envolvendo tudo aquilo que nos apropriamos, seja de maneira tangível (e.g. roupas, eletrônicos, móveis) ou de maneira intangível (e.g. lugares a se visitar, gosto musical, exercício físico praticado) (SOLOMON, 1983).

Essa discussão foi elaborada, inicialmente, por Belk (1988) e atualizada, em 2013, pelo mesmo autor. Em Belk (2013), a discussão da multiplicidade de nossos seres é expandida para o meio virtual, um ambiente intangível que, ainda assim, reflete parte de quem nós somos. Em tempos onde as discussões de metaverso têm ganhado visibilidade (CVM, 2022), sobretudo com a gigante da tecnologia Meta capitaneando essa nova fronteira virtual, tal momento oferece a possibilidade de uma nova atualização às discussões de Belk.

Partindo do entendimento de que uma mesma pessoa pode possuir elementos representativos de si no mundo físico (BELK, 1988) e no mundo virtual (BELK, 2013), é possível que haja uma narrativa de fundo, uma trajetória que contribui a um entendimento ainda mais amplo de quem essa pessoa é e como ela se apresenta à sociedade. Tal possibilidade de discussão ainda não foi explorada na literatura e, por meio do uso das literaturas de *extended self* (BELK, 1988, 2013) e de pós-modernidade no consumo (FIRAT; VENKATESH, 1995), este artigo se propõe a analisar, para as mesmas pessoas, os significados trabalhados em cada ambiente e como eles se relacionam entre si.

Fundamentação Teórica

O que consumimos reflete, em algum nível, aquilo que somos e, com isso, podemos discutir relações identitárias das pessoas para além do que elas possuem. Este trabalho parte de considerações discutidas por Belk (1988, 2013) de que nossas posses refletem quem somos, de modo que podemos possuir diferentes identidades em uma relação de mão-dupla, que influenciam aquilo que possuímos da mesma forma que nossas posses atuam para nos definir em diferentes papéis que acabamos por desempenhar no dia-a-dia, característico de um consumo e consumidor pós-moderno (FIRAT; VENKATESH, 1995).

Belk, ao fim dos anos 1980, publica um artigo onde constrói o argumento de que aquilo que possuímos representa uma parte de nós, ao ponto de serem consideradas extensões daquilo que somos (cunhando o termo *extended self*², em inglês) (BELK, 1988). Por exemplo: se uma pessoa compra um celular da marca da fruta mordida, ela não está comprando apenas o aspecto funcional do item, mas essa pessoa também compra uma série de elementos simbólicos intangíveis que se somam para comunicar mensagens à sociedade (mensagens essas que se alinham à forma como a pessoa percebe a si mesma – ou gostaria de se perceber – enquanto indivíduo). Sabe aquela sensação de ver um produto e pensar “isso é muito a cara do fulano”? Pois, então, esse é o *extended self*: você percebe a pessoa por meio de algo além dela mesma.

Tal pensamento se desenvolve com base na teoria do interacionismo simbólico (SOLOMON, 1983), por meio da qual se estabelece que os relacionamentos dos indivíduos podem se expressar por meio de símbolos, estes vinculados ao que é consumido. Dessa forma, mensagens são comunicadas por meio do consumo simbólico: não apenas os aspectos funcionais dos bens são levados em consideração, mas o que eles representam para as pessoas.

Belk (1988) progride de acordo com o pensamento de que, ao mesmo tempo as posses pertencem às pessoas (como uma prótese), essas mesmas posses também representam essas pessoas (como acontece com um amuleto), sendo possível observar que perdas ou danos a tais posses podem ser vistas impactando no “eu” (*self*, no original), a autoimagem que a pessoa forma e busca sustentar sobre si, tamanha ligação existente. Isso mostra que o entendimento de posses vai além do possuir, mas engloba discussões como o fazer e até mesmo o ser das pessoas.

Desses relacionamentos com as posses, temos que as mesmas podem expressar diferentes facetas das pessoas, o que Sirgy (1982) apresenta como diferentes “eus” (*selves*, no original), uma vez que as pessoas se inserem em diferentes ambientes e dinâmicas sociais em suas vidas: o “eu atual”, o “eu ideal”, o “eu social”, o “eu no trabalho”, entre outras possibilidades. Todas decorrem do relacionamento das pessoas com suas posses e as mensagens que elas buscam comunicar, e Belk (1988) apresenta a inclusão de um “eu estendido”³, entendendo que pode existir tamanha conexão das pessoas com as posses que elas passam a ser vistas como uma extensão de seus proprietários.

² Embora o termo não seja traduzível para o português devido perdas no significado especialmente do vocábulo “*self*”, o equivalente mais próximo seria “eu estendido”. Considerando essa limitação linguística, ao longo do artigo será utilizado o termo em inglês (Nota do autor).

³ Neste artigo, será utilizada a expressão em inglês, *extended self*, uma vez que essa é a forma como costuma-se encontrar nos artigos desenvolvidos com a mesma temática, mesmo em português.

Em reflexo de mudanças ocasionadas, dentre outras coisas, por avanços na tecnologia, e alinhadas às características do pós-modernismo (FIRAT; VENKATESH, 1995), Belk, 25 anos depois do artigo supracitado, retoma a discussão do *extended self*, mas, agora, expandindo esse conhecimento para o mundo virtual. Ainda que a ideia do tangível (da posse) seja mais nebulosa nesse meio, a extensão do eu deve ser vista como comportamentos de consumo no sentido de como as pessoas se apropriam dos recursos existentes digitalmente para exporem e/ou construam suas identidades, seja na forma de postagens em redes sociais ou mesmo no consumo de produções segmentadas (como jogos ou vídeos com determinadas temáticas) (BELK, 2013).

Mesmo com a imaterialidade desse consumo, entende-se que o relacionamento entre os meios *online* e *off-line* pode ser uma nova possibilidade de expandir o entendimento sobre o *extended self*, uma vez que apresenta um novo ambiente na vida das pessoas, indo além do lar e do trabalho (Belk, 2013). Com isso, compreender comportamentos em mais esse ambiente – o virtual – demonstra importância para estudos em marketing.

Ainda que ambas as obras explorem como o *extended self* pode ser identificado nesses dois domínios – o real e o virtual –, há um distanciamento observado de que as obras trabalham separadamente essas extensões. A proposta do estudo que se segue é apresentar um comparativo dos significados trabalhados nesses domínios para as mesmas pessoas, verificando até mesmo se há uma relação entre os itens de cada ambiente. Nisso se justifica o título de “*Extended self 2.5*”: não se propõe a reflexão sobre uma nova dimensão do *extended self* (como foi o salto dos estudos de 1988 e 2013, ambos de Belk), mas um avanço levando em conta as duas dimensões já presentes na literatura científica.

Indicativos Metodológicos

Para condução da proposta deste estudo, foi definida a pesquisa como de caráter qualitativo e utilizando entrevistas semiestruturadas como técnica de construção dos dados, cuja importância já fora apontada por Gaskell (2013) em virtude de expandir os conhecimentos para além da perspectiva do pesquisador sobre uma determinada problemática.

Tendo definido o uso de entrevistas para o trabalho, alguns procedimentos foram levados em consideração como forma de aumentar o rigor metodológico quanto à qualidade e confiabilidade da pesquisa. Considerando as orientações presentes em Roulston (2010) e Tracy (2010), os dados foram obtidos por meio do uso de um roteiro de entrevistas (APÊNDICE A), onde

os dois primeiros entrevistados foram desconsiderados – por servirem como coleta inicial para ajustes na forma de condução da entrevista e adequação de vocabulário –, a confidencialidade das informações foi verbalizada pelo pesquisador, houve gravação das respostas (com consentimento dos entrevistados), não foram dados exemplos nas perguntas, e o pesquisador não omitiu ou distorceu qualquer questionamento levantado pelos entrevistados.

Quanto ao roteiro de entrevistas e condução das mesmas: (1) teve-se a preocupação de criar uma aproximação com o entrevistado em função da demonstração de pertencimento ao mesmo meio que ele – como os respondentes foram abordados em cantinas da mesma universidade que o pesquisador é filiado, foi informado esse aspecto compartilhado como forma de diminuir eventuais resistências – (NGUYEN, 2015); (2) Qu e Dumay (2011) serviram como referência na forma da construção das perguntas, em vista de extrair informações mais frutíferas às análises; e (3) Rowley (2012) forneceu diretrizes à condução das entrevistas – de modo a evitar lacunas nas respostas e fazer com que os respondentes entendam os comandos de cada questão, por exemplo –, posto que tal artigo tem como propósito orientar pesquisadores no design, planejamento, condução e análise das entrevistas.

Além disso, cabe adicionar que todas as entrevistas foram realizadas presencialmente (de maneira face-a-face), orientação feita por Irvine, Drew e Sainsbury (2012) de que essa forma de entrevista tende a fornecer melhores e mais bem formuladas respostas.

Como procedimento para análise dos dados, foi utilizada a história oral (JANESICK, 2010, THOMPSON; BORNAT, 2017), metodologia focada na construção de uma narrativa sobre um tópico de interesse. No caso, o tópico é o *extended self*. A pesquisa não buscou um público com determinadas características predeterminadas, uma vez que o foco estava em explorar as narrativas envolvendo significados de itens representativos do *extended self* em níveis físico e virtual. Detalhes sobre os respondentes serão detalhados na próxima seção.

Resultados e discussão

Utilizando dos indicativos expostos na seção anterior, apresenta-se que foram realizadas seis entrevistas, no ano de 2017, desconsiderando as duas iniciais e restando um número final de quatro entrevistas válidas, com duração média de dez minutos por entrevista. Dentre os respondentes analisados, houve distribuição igualitária quanto ao gênero e as idades variaram entre 17 e 19 anos completos. Apenas um dos respondentes indicou já exercer alguma atividade remunerada.

Para a apresentação das informações colhidas em campo, na sequência serão apresentados resumos de cada um dos respondentes com base no roteiro de entrevistas utilizado para, ao fim, serem feitas considerações gerais dos achados.

Cada seção é intitulada com um nome de música que representa o teor do relato fornecido para a pessoa. Isso foi usado como mero recurso narrativo, com a proposta de tornar o texto menos impessoal, o que dialoga diretamente com a preocupação de uma discussão sobre *extended selves*.

Seção 1 - Canção para Você Viver Mais⁴

A entrevistada 1 (E1) possui 18 anos completos.

Perguntada sobre seu *extended* material, a mesma citou seu celular e seu violão.

Indagada sobre a história por trás do violão, a entrevistada contou que o possui há dois anos, tendo o adquirido por conta própria por relatar que “precisava de uma distração”, e considera que o instrumento é “uma coisa que eu faço que eu gosto”, “descontra”, “relaxa” e enfatiza: “FAZ BEM pra mim”. Nesse entendimento, acrescenta que pratica sempre que possível, faz uma hora semanal de aula, e “chegou uma hora que eu não consigo ficar sem ((o violão))”. Perguntada se foi feito algum tipo de customização no objeto, a entrevistada disse que não, que “do mesmo jeito que eu comprei ((risos)) tá do mesmo jeito (+) que eu cuido bastante dele”.

Seguindo nesse pensamento, caso a entrevistada acabasse por ficar sem seu violão (em caso de perda, danificação ou mesmo roubo, por exemplo), a mesma expressa que sentiria que “estaria faltando alguma coisa”, que teria que substituí-lo por alguma outra coisa para não sentir “um vazio”, estimando que o sentimento duraria por cerca de dois a três meses. Dado o vínculo identificado, considera que o violão é mais valioso para si que seu computador, cujo preço, monetariamente falando, é maior. Essa relação é representativa da discussão do interacionismo simbólico (SOLOMON, 1983) e do próprio *extended self* (BELK, 1988), uma vez que o objeto tem um valor assimétrico ao seu proprietário ao ser comparado tanto ao preço de venda como ao preço de outros itens dessa mesma pessoa.

Como último aspecto abordado, quando perguntada se a importância do violão é reconhecida apenas por ela ou outras pessoas também identificam essa posse como sendo especial para ela, a entrevistada diz que sua família também vê dessa forma, pois “se eu não tô fazendo qualquer outra, eu tô no violão”, e reafirma esse vínculo identificado pelos outros por conta de que “não tem outra coisa que eu tenha tanta afinidade”. Essa percepção compartilhada por outras

⁴ Música composta por John Ulhoa.

peças reforça a consideração de Belk (1988) de que, ao mesmo tempo em que o proprietário possui o violão, o violão também contém em si parte da identidade social dessa pessoa.

Quanto ao celular, devido ao teor das respostas informadas, não foi considerado o aparelho como a extensão da pessoa, mas sim o uso feito do mesmo, o que se relaciona mais à questão do *extended* virtual, sendo identificado que a extensão ocorre por meio duas redes sociais, o Snapchat e o Facebook, porém a primeira rede é mais enfatizada ao longo do discurso construído, sendo o Facebook relatado como importante em função de manter contato com pessoas geograficamente distantes, devido ao fato de que a entrevistada ter mencionado que já se mudou de cidade várias vezes.

Já sobre o Snapchat, fica evidente nas respostas elaboradas o quão conectada a entrevistada está com o ambiente fornecido, afirmando coisas como “eu me expesso lá”, por meio das possibilidades de fotos e efeitos que o aplicativo fornece. Enaltece que gosta de tirar fotos e acha fácil e divertido, permitindo maior espontaneidade dos usuários para “dar uma zuada”, já que o registro dos momentos é temporário e os dados são deletados permanentemente depois. Ressaltase o vínculo identificado, pois, inclusive, a usuária se refere à rede social por um nome reduzido: “Snap”, tal como Belk (2013) pressupõe ao discutir de que existe uma relação de intimidade com o ambiente virtual. Algo imaterial, mas não menos real para a pessoa.

De maneira similar à perda material, caso não fosse mais possível à entrevistada usar as redes sociais relatadas, a mesma informa que buscaria usar outra rede social. Porém, cabe destacar que a transição não seria fácil, destacando-se os seguintes trechos:

“olha, ia ficar (+) faltando também, porque (+) querendo ou não, é uma coisa que está sempre ligada a mim”.

“eu ia me sentir vazia, e (+) sabe, aquele sentimento de ‘tá faltando alguma coisa’”.

Afirma que não trocaria as facilidades providas pelas redes sociais mencionadas por alguma coisa material por não ver necessidade nem troca nem em virtude de estar precisando de algo. Finaliza dizendo que esse comportamento virtual é uma coisa reconhecida não só por ela, mas que tanto sua família, como amigos e conhecidos também reconhecem que isso é importante para a entrevistada, haja vista que menciona que seus perfis no Facebook e Snapchat estão sempre em atividade: “eu estou sempre publicando”.

Seção 2 - Antes que Seja Tarde⁵

O entrevistado 2 (E2) possui 17 anos completos.

Sobre seu *extended self* material, o entrevistado informou seu celular.

Perguntado sobre sua identificação com o aparelho, informa que é através do celular que faz muitas coisas de seu dia-a-dia, acrescentando que não possui notebook: “o dia inteiro é em torno dele, quando não tô na aula”. Ao ser perguntado sobre eventuais sentimentos em função da perda do objeto, informa que foi roubado há cerca de um mês, e o aparelho atual é inferior ao que possuía, ou melhor, “o novo não representa tão bem como o anterior”, e diz que se sentiu muito mal no dia do episódio, pois “usava muito muito mesmo”, e acrescenta que “é difícil ainda de aceitar”, demonstrando que o sentimento da perda ainda se faz presente no rapaz, o que demonstra o grande vínculo existente com um objeto inanimado, tal como descrito por Belk (1988). Além disso, diz que o celular é sua posse mais valiosa (inclusive monetariamente falando), mesmo o atual, e finaliza dizendo que ninguém mais reconhece o quanto o celular o representa.

Já quanto aos aspectos virtuais, indica que o Facebook e o YouTube são os domínios onde mais investe seu tempo conectado à internet. Menciona esses *sites* pois em função deles encontra outras pessoas e consegue tanto ver o dia a dia dos outros como também compartilhar o próprio, além de usar as vídeo-aulas do YouTube para auxiliar na aprendizagem de disciplinas do curso. Sobre eventuais indisponibilidades de conseguir acesso a tais redes, menciona que o YouTube o deixaria preocupado, pois “ele facilita muito”, informando que o aprendizado ficaria restrito à forma textual em livros; quanto ao Facebook não ser mais acessível, informa que isso o faria “sentir meio excluído (+) querendo saber o que está acontecendo”.

Adiciona que não trocaria os recursos advindos de tais domínios por alguma coisa material e, diferentemente do *extended self* material, aqui acredita que o Facebook e YouTube são coisas que pessoas como amigos e conhecidos reconhecem como importantes para ele, pois através de lá “quando você consegue algo, você posta no Facebook (+) tudo assim, elas vê como que (+) tá sua vida”, reforçando a ideia do *extended self* virtual (BELK, 2013), esse focado na comunicação de mensagens sobre si e no entendimento que outras pessoas farão a partir de símbolos selecionados e compartilhados pelo usuário.

Em tempo, após comunicado o fim da entrevista e explicado sumariamente como a temática é vista academicamente, o entrevistado acrescentou que também identifica que a camiseta de seu

⁵ Música composta por John Ulhoa / Fernanda Takai / Tarcisio Moura.

curso (engenharia de produção – construção civil) também é uma coisa muito importante para ele, pois expressa uma conquista e tem orgulho dela. Embora o gravador ainda estivesse ligado e captado a informação, o pesquisador decidiu não prosseguir com o detalhamento desse *extended self*, haja vista que já havia verbalizado o fim da entrevista e estava conduzindo uma conversa informal.

Seção 3 - Sobre o Tempo⁶

O entrevistado 3 (E3) possui 19 anos completos.

Em aspectos materiais, informa que duas posses que lhe representam são seus relógios (indicando que possui três) e seu carro. Indica que tais posses são valiosas para si pois “são coisas que eu consegui comprar com o meu dinheiro [...] com meu trabalho, com meu suor”.

Perguntado sobre o processo da conquista, disse que trabalha há, mais ou menos, dois anos e representam um tempo bom que pode ter. Informa que tanto seus relógios como seu carro não foram customizados, mas que os modelos dos relógios refletem um gosto muito particular e, perguntado sobre o que torna eles especiais, relata “o fato de só eu ter”, “ser uma coisa que pouca gente tem”, e serem modelos que pediu pela internet faz com que reflitam preferências particulares dele (BELK, 2013).

Sobre possíveis situações de perda das posses, diz que se sentiria triste, pois “não veio de graça e saiu de graça”, reafirmando que refletem certo tempo de trabalho e que o sentimento duraria até ter condições de “conseguir algum melhor”. Menciona que, inclusive, considera seus relógios como sendo mais valiosos que seu notebook (o qual é mais caro, monetariamente falando), já o carro é sua posse mais valiosa em moeda corrente. Finaliza dizendo que apenas amigos mais próximos e familiares têm noção do quão valiosas são essas posses para ele (BELK, 1988), embora “só eu mesmo ou, talvez, quem me conhece sabe que eu valorizo isso, mas não (+) não vão conseguir ver do jeito que eu vejo”.

No que se refere ao meio virtual, diz que não passa muito tempo conectado, sendo de uma hora a uma hora e meia, por dia, em média. Desse tempo, informa que costuma usá-lo para ouvir músicas e podcasts, além de conversar. Considera essas atividades importantes pois lhe ajudam a espalhar, sendo um tempo livre que lhe faz bem, “senão eu iria enlouquecer”. Caso não fosse possível dedicar esse tempo para tais finalidades, relata que se sentiria mal, o que já ocorre quando não consegue, por algum motivo, ter esse tempo livre ao longo dos dias.

⁶ Música composta por John Ulhoa.

Diferentemente do E2, o ambiente virtual não é algo tão representativo para si, o que não chega a contrariar as discussões de Belk (2013), mas sinaliza para o fato de que, embora o *extended self* virtual seja representativo de uma faceta da identidade da pessoa, talvez essa faceta possua menor importância quanto à sua manutenção (ou mesmo criação e comunicação).

Por fim, diz que não trocaria esses aspectos virtuais por algo material e que apenas seus pais entendem o quanto aquilo é importante para ele, “por verem que eu faço isso todo dia”.

Seção 4 - Eu⁷

A quarta entrevistada (E4) possui 17 anos completos.

Inicialmente, quando perguntada sobre uma extensão material de si mesma, informou que considera seu violão como relacionado a isso, pois considera que possui uma personalidade musical e a música ajuda a expressar emoções. Informa que o comprou há um ano e, embora já tenha possuído outros violões, considera esse como seu mais valioso, pois o comprou com o dinheiro que juntou de um estágio que fez e, diferentemente dos demais, esse “parece que é uma coisa minha mesmo”, reforçando a ideia da singularidade das posses, discutida em Belk (1988). Quanto a isso, até diz que não o customizou de qualquer forma pois tem medo de estragá-lo.

Em eventuais situações de perda do violão, comenta que ficaria muito triste e que choraria durante algum tempo, possivelmente uma semana. Dado o apreço e vínculo com seu *extended material*, considera o mesmo como mais valioso que seu celular, mesmo que monetariamente seja mais barato. Finaliza acrescentando que outras pessoas identificam que o violão é valioso para ela, como amigos, por conta de constantemente ser vista com ele.

Já sobre aspectos virtuais, fala que usa o tempo conectada (cerca de 3h/dia) para conversar com amigos, ver vídeos e ler curiosidades. Considera isso importante, pois “fica conectado com o que está acontecendo” e mantém a comunicação com amigos que não vê todo o tempo, dadas as rotinas diferentes, além dessas atividades também servirem como entretenimento.

Embora exponha que ficaria mal, caso não fosse mais possível ter acesso a essas atividades virtuais, diz que não seria um sentimento tão forte quanto ficaria caso houvesse a retirada do violão, pois poderia arrumar outras formas de manter o contato com as pessoas, o que reforça as discussões feitas a partir dos relatos do E3 (BELK, 1988, 2013). Seguindo esse pensamento, diz que outras pessoas consideram que as atividades relatadas são importantes para ela, mas não dá muita

⁷ Música composta por Frank Jorge.

importância, pois muitas pessoas têm hábitos virtuais parecidos atualmente, finalizando ao dizer que “não acho que minha identidade está baseada nisso”.

Considerações Finais

Ao fim, encontra-se suporte aos apontamentos previamente discutidos por Belk (2013, 1988) e Firat e Venkatesh (1995). Os consumidores não consomem apenas aquilo que experienciam em termos físicos, mas a tecnologia possibilitou um consumo que vai além dos limites geográficos – e por que também não dizer “além do real”?

Belk (2013, 1988) apresentou reflexões que conduzem ao entendimento de que nossas posses refletem o que somos, tanto em meios *online* como *offline*, podemos dizer. Os consumidores se definem (e podem ser definidos) por conta daquilo que consomem e também pela forma como consomem, resultando em posses que são importantes para si, independente de serem tangíveis ou não.

Na busca pelo objetivo de analisar, para as mesmas pessoas, os significados trabalhados em cada ambiente (*online* e *offline*) e como eles se relacionam entre si, a pesquisa de campo mostra alinhamento com os apontamentos trazidos por Belk (1988): os entrevistados realmente consideram suas posses como importantes para si, e essa valoração extrapola os aspectos monetários. A relação construída se refere a uma trajetória, e todos os relatos apontam que há uma história por trás das posses mencionadas, ou seja, a relação construída vai além de aspectos financeiros, mas carregam uma alta carga de conexão emocional, seja por ser um utilitário altamente necessário para a rotina (o celular do E2), seja por um sentimento de orgulho por uma conquista pessoal (carro e relógios do E3 e os violões das E1 e E4). Ainda assim, são “coisas” (e escreve-se esse termo entre aspas justamente para mostrar que, embora sirva para referenciar os objetos referenciados ao longo dos relatos, não é uma palavra que faz jus à tudo aquilo que representa aos entrevistados) que o olhar externo não consegue captar, em sua plenitude, tudo aquilo que representam às pessoas. Como disse o E3: “só eu mesmo ou, talvez, quem me conhece sabe que eu valorizo isso, mas não (+) não vão conseguir ver do jeito que eu vejo”.

De mesmo modo, os *extended selves* mencionados em termos virtuais reafirmam que a relação construída vai além de cifras monetárias. Nesse aspecto, todos os entrevistados mencionaram “coisas” que, além de não tangíveis, também são gratuitas e, embora não carreguem parâmetro monetário de comparação, são todos considerados importantes pelos entrevistados. Porém, como uma ressalva ao visto em Belk (2013), a E4 sinaliza que, mesmo considerando

importantes as facilidades provenientes de avanços digitais, eventuais perdas nesse domínio seriam inferiores àquelas que ocorressem na realidade, por conta de que o consumo *online* está se commoditificando, finalizando com o pensamento de que “não acho que minha identidade está baseada nisso”.

Com isso, posteriores esforços científicos poderiam ser direcionados para entendimentos de estudar o *extended self* relacionado à materialização de conquistas virtuais, como o caso de clubes de fidelidade e milhagens, ou mesmo prêmios em decorrência de desempenhos *online*, como visto no “VIP Club” do site Poker Stars, onde se acumulam pontos em decorrência do jogo em ambiente virtual, e tais pontos podem ser convertidos em itens tangíveis, desde canecas e roupas até ingressos para eventos esportivos ao redor do mundo.

Referências

BELK, Russell W. Possessions and the extended self. **Journal of Consumer Research**, v. 15, n. 3, p. 139-168, 1988.

_____. Extended self in a digital world. **Journal of Consumer Research**, v. 40, n. 3, p. 477-500, 2013.

CVM e Abrasca promovem debate sobre o metaverso. **Comissão de Valores Mobiliários**, online, 01 ago. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/cvm/pt-br/assuntos/noticias/cvm-e-abrascapromovem-debate-sobre-o-metaverso>. Acesso em 07 ago. 2022.

FIRAT, A. Fuat; VENKATESH, Alladi. Liberatory postmodernism and the reenchantment of consumption. **Journal of Consumer Research**, v. 22, n. 3, p. 239-267, 1995.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

JANESICK, V. J. **ORAL HISTORY FOR THE QUALITATIVE RESEARCHER: choreographing the story**. Guilford Press, 2013.

NGUYEN, Thi Quynh Trang. Conducting semi-structured interviews with the Vietnamese. **Qualitative Research Journal**, v. 15, n. 1, p. 35-46, 2015.

QU, Sandy Q.; DUMAY, John. The qualitative research interview. **Qualitative Research in Accounting & Management**, v. 8, n. 3, p. 238-264, 2011.

ROULSTON, Kathryn. Considering quality in qualitative interviewing. **Qualitative Research**, v. 10, n. 2, p. 199-228, 2010.

ROWLEY, Jennifer. Conducting research interview. **Management Research Review**, v. 35, n. 3/4, p. 260-271, 2012.

THOMPSON, P; BORNAT, J. **THE VOICE OF THE PAST**: oral history. Oxford University Press, 2017. TRACY, Sarah J. Qualitative quality: eight “big-tent” criteria for excellent qualitative research. **Qualitative Inquiry**, v. 16, n. 10, p. 837-851, 2010.

SIRGY, M. J. Self-concept in consumer behavior: a critical review. **Journal of Consumer Research**, v. 9, n. 3, p. 287-300, 1982.

SOLOMON, M. R. The role of products as social stimuli: a symbolic interactionism perspective. **Journal of Consumer Research**, v. 10, n. 3, p. 319-329, 1983.

Recebido em 02/09/2022 – Aprovado em 05/12/2022

Apêndice A – Roteiro das entrevistas

Apresentação inicial

- Criar uma identificação com o entrevistado;
- Falar sobre o objetivo da entrevista, bem como duração e confidencialidade das informações.

Questões sobre o *extended material*

1. Nós normalmente somos nos definimos pelas coisas que temos, desde objetos materiais a não materiais. Você consegue identificar algumas coisas que TE REPRESENTE? Algo que você pega, ou olha, ou expõe que, se pedissem para você se definir em alguma coisa, isso seria parte de você, do que você é?
2. Qual a história por trás desse (...)? Você ganhou? Você comprou? Faz quanto tempo já que você tem? Você fez? Customizou?
3. Por que você considera que isso te representa tanto?
4. Se você perdesse isso, como você se sentiria?
5. Você considera que ele vale mais que alguma outra posse tua que, monetariamente, falando, é mais cara? Poderia dar um exemplo? (<< se não souber estimar o preço desses exemplos dados, vale perguntar sutilmente, para não fechar a abertura da pessoa)
6. Essa coisa representa algo para outras pessoas conhecidas por você? È individual ou coletiva?

Questões sobre o *extended virtual*

- 1.Quanto tempo você gasta, em média, por dia em ambientes virtuais. Ex.: computadores, celulares, internet, tablets...?
- 2.Alguma coisa no meio digital você considera que te represente? Algo que você considera como sendo parte de você, algo que você cuida da mesma forma que um objeto físico?
- 3.É? Por que você acha que você se identifica com isso?
- 4.Você investiu algum valor monetário para ter isso?
- 5.Se você perdesse isso, como você se sentiria?
- 6.Você trocaria esse (...) por alguma coisa material/física? Por quê?
- 7.Essa coisa representa algo para outras pessoas conhecidas por você? È individual ou coletiva?

Informações do entrevistado

- 1.Quantos anos você tem?
- 2.É daqui de ((cidade)) mesmo?
- 3.Faz qual curso? / É formado em qual curso? / ...
- 4.Nível salarial